



EDUCAÇÃO E CURRÍCULO NO PARÁ REPUBLICANO: O PAPEL DESEMPENHADO PELO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ NA CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DISCIPLINAR DE HISTÓRIA. (1900-1930)

Wanessa Carla Rodrigues Cardoso
wanakal@yahoo.com.br
Genylton Odilon Rêgo da Rocha
genylton@gmail.com
(UFPA)

Resumo

É no contexto de uma educação Republicana, na virada do XIX, que cria-se o Instituto Histórico e Etnográfico do Pará (1900), como inicialmente foi denominado. Como os demais institutos se colocou na condição de interprete e “guardião do passado”, cultuando os grandes vultos e heróis, exaltando as narrativas históricas e biográficas. Entre os patronos das cadeiras do Instituto podemos citar Jorge Hurley, Palma Muniz, Euclides da Cunha, José Veríssimo, entre outros intelectuais de grande relevância local e nacional. Assim, o presente artigo intenciona analisar os discursos dos intelectuais do Instituto Histórico Geográfico do Pará (IHGP), veiculados nas revista do Instituto, a RHIGP, e em outros periódicos do período como as revistas A escola (1900-1905) e O Ensino (1918-1919), traçando apontamentos sobre papel desempenhado pelo IHGP na constituição do corpus disciplinar de História no Pará Republicano (1900-1930). Metodologicamente a opção é pela pesquisa documental, com utilização de fontes primárias e secundárias em constante diálogo com o referencial teórico sobre o tema. As revistas foram analisadas levando-se em consideração suas sessões, temáticas recorrentes, número de publicações por temática, intelectuais com publicações mais recorrentes, além da atenção especial as atas e regimentos para um melhor entendimento das ações desses intelectuais e da própria história do Instituto. A relevância dessa pesquisa deve-se a importância fundamental dos Institutos Históricos e de seus intelectuais no contexto Republicano como instituição fundamental de criação e divulgação de uma história oficial e de afirmação de uma nacionalidade brasileira, motivando-me a debruçar sobre a especificidade do caso Paraense e sua relação com a educação no Pará Republicano, algo ainda não estudado, contribuindo com pressupostos teóricos sobre a História da Educação na Amazônia.

Palavras Chave: Primeira República. Instituto Histórico Geográfico do Pará. Intelectuais. Currículo. Educação.

Tratar da constituição da história como saber no Pará nas primeiras décadas do século XX é remeter-se inevitavelmente ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará como lugar de memória. A importância do Instituto como *locus* agregador da intelectualidade local, e como lugar de criação e sistematização de uma história regional na primeira República no Pará nos levou a elaboração deste artigo, apontamentos resultantes de um trabalho em estudo no Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Pará.

O texto é dividido em três momentos, traça inicialmente de forma breve a trajetória de História como saber científico e como saber escolar no Brasil; em um segundo momento aborda o papel do IHGP como guardiões de uma história nacional e regional e como instituição impar na





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

afirmação do Republicanismo no Pará; em um terceiro momento detenho-me sobre a obra *Educação Nacional* de José Veríssimo, e seu olhar sobre a história pátria, como patrono do instituto e representante do ideário Republicano e civilizacionais.

A história como disciplina escolar

Ao longo do século XIX a História busca sua profissionalização e sua constituição enquanto ciência, nesse processo de afirmação de disciplina de conhecimento científico a história torna-se um instrumento a serviço do Estado para afirmação e construção da nação. Assim atendia as necessidades de uma Europa pós período Napoleônico, que no intuito de se reestruturar e reconstruir, vai dar espaço a debater questões como nacionalismo e identidade nacional, utilizando a História como conhecimento científico capaz de dar conta de explicar as mudanças decorrentes na estrutura política e social. François Furet ao situar seu nascimento no século XIX, em pleno desenvolvimento do nacionalismo, e sua consequente apropriação pedagógica a serviço da nação diz:

A história é a árvore genealógica das nações européias e da civilização de que são portadoras. (...) Constitui ao mesmo tempo uma imagem privilegiada (mas não a única) do progresso da humanidade e uma ‘matéria’ que deve ser estudada, um patrimônio de textos, de fontes, de monumentos que permitem a reconstituição exacta do passado. (FURET. s/d, p 135)

O processo de constituição da história como disciplina escolar ocorre respaldada e ao mesmo tempo de sua constituição acadêmica e científica. A escrita da história caracterizada como História narrativa ou dos acontecimentos, linear, cumulativa, colocando em primeiro plano os indivíduos e acontecimentos para explicar o processo histórico é especialmente, ainda neste momento, baseada no modelo das ciências da natureza.

No Brasil, a disciplina escolar história, se formou nos rastros do IHGB(Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e teria por finalidade mostrar às crianças e jovens brasileiros a grandeza da pátria, ajudar na construção do sentimento de pertencimento a nação, e ao mesmo tempo considerando as condições ainda do século XIX, consolidar o Império entre as nações modernas, formando os seus futuros dirigentes. Ao longo do século XIX e, principalmente, com alvorecer da





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

República, disciplinas como história e geografia deveriam ampliar suas funções preparando o novo cidadão Republicano.

Nesse momento houve tanto o incremento da imigração quanto a requalificação da cidadania com o estabelecimento do voto universal masculino para a população alfabetizada. À história como disciplina foi atribuída a função de formadora dessa nova cidadania, onde seria eleito um passado ideal que deveria ser transmitido na Escola. Um passado que, na perspectiva positivista dominante na historiografia da época, evidenciasse a grandeza e a particularidade da nação presente construída com muita luta e heroísmo. (COSTA, 2008, p28 e 29)

Com a necessidade de consolidação do Estado Nacional Brasileiro, na primeira metade do século XIX, surge o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado 1838, como parte importante do projeto Imperial de se forjar uma identidade nacional e de formular uma idéia de estado nação, traçando um perfil para o país que o enquadrasse dentro rol das nações civilizadas (COELHO,1981).

Pensado aos moldes das academias Européias, os Institutos através de seus intelectuais como Adolfo Varnhagem, João Francisco Lisboa Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manoel Bonfim, Alceu de Amoroso Lima e Sílvio Romero, eram fortemente influenciados pelas idéias cientificistas européias (evolucionismo, determinismo geográfico, racismo e positivismo) e passaram a adequá-las a história e a realidade nacional. (SCHWARCZ, 1993)

Neste sentido, em 1847, com objetivo de estabelecer diretrizes para a escrita da história do Brasil, Karl Frederick Von Martius é vencedor do concurso feito pelo IHGB. Seu texto passa a ser considerado como uma espécie de manual de *Introdução aos estudos históricos*, abrindo pressupostos para o estabelecimento de métodos e critérios que dotariam a disciplina historia de cientificidade. Para Martius, a composição étnica do povo brasileiro é o que norteia a história do Brasil, neste sentido somente a mescla das três raças garantiria a nação uma identidade, tendo branco como elemento aglutinador e civilizador.

A premiação outorgada ao trabalho expressa a concordância do IHGB com este projeto, que estará também presente no sentido dado por Varnhagen à sua obra histórica. Ou seja: a idéia da história nacional como forma de unir, de transmitir um conjunto único e articulado de interpretações do passado, como possibilidade de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

atuar sobre o presente e o futuro. A nação como unidade homogênea e como resultado de uma interpretação orgânica entre as diversas províncias, este é o quadro a ser desenhado pelo historiador. (BRANCO,G; MALACARNE, V. 2008, p103).

Os conteúdos de ensino de História, veiculadas no colégio Pedro II, nas Escolas Normais, nos cursos secundários, nasceram oficialmente neste contexto, permeados por ideais civilizacionais e fundamentados pela historiografia nacional proveniente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Esses homens de ciência ou a intelligentsia brasileira, eram escritores, juristas e políticos, passam a recolher documentos sobre a história do Brasil e a construir com o advento da República o corpus ideológico Republicano, como forma de garantir e construir a idéia de uniformidade e homogeneidade ao estado nascente. Esses ideólogos tiveram um importante papel na história da educação brasileira, pois, além de se dedicarem a outras atividades, escreveram manuais e compêndios didáticos para suprir uma carência de material escolar nas escolas de meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

Os projetos educacionais dos estados republicanos estiveram intimamente relacionados com a construção da identidade nacional. Neste contexto, as efemérides, os rituais cívicos, as datas comemorativas, os livros didáticos, museus, o ensino de história e geografia pátria, tornaram-se elementos decisivos no fortalecimento do sentimento nacional. (NAGLE, 77)

No Pará a importância da História e da Geografia não se configurou de forma muito diferente, na medida em que essas disciplinas seriam fundamentais para se forjar uma identidade regional ou Amazônica calcada em uma memória positiva de seu povo e seus heróis. É neste sentido a importância fundamental do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico do Pará), *locus* privilegiado da intelectualidade paraense, intelectualidade essa a serviço das idéias civilizatórias, de modernidade e progresso, produzindo e pensando uma realidade local (MORAES, 2011)

O Instituto Histórico e Geográfico do Pará: guardiões de uma historia regional e nacional

Aqueles que por obras valorosas se impuserem ao registro da história, esses sobrevivem ao parecimento da matéria, ficam entre os contemporaneos e





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

posteriores a inspirar-os e dirigir-os, mais vivos do que nunca [...] nesta época de regionalismo esterilizantes e intolerâncias doutrinárias que ameaçam a pátria a integridade da pátria apenas com ele a amar o Brasil na unidade de sua grandeza, na superioridade de seus destinos, sem preocupações impatrióticas de bairrismos ou impertinências de crenças políticas [...] Ponhamos a pátria acima de tudo...a pátria que – mercê de Deus- tem subsistido e subsistirá intangível aos nossos erros e descalabros, mais em prol da qual nos devemos dedicar inteiramente, afim de que a tenhamos em sua grandeza e prosperidade, não como uma dignação da província, mais como o resultante ennobrecedora dos nossos próprios esforços e desvelos (RIHGP, 1920.p 373 e 374).

O Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) foi criado nas primeiras décadas do século XX, e assim como a maioria dos IHGs estaduais, com exceção do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IAGP, fundado em 1862) e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP, em 1894).

Com o intuito de buscar criar uma identidade nacional e de colaborar com o processo civilizador através de um dado olhar para o passado, os IHGs criam discursos regionais onde os fatos e vultos dessa história local estavam intimamente associados a história nacional.

Nesse período o regionalismo vai ganhando espaço nas produções literárias, históricas e geográficas e, conseqüentemente, passa a orientar os esforços historiográficos pela reconstituição do passado brasileiro, enaltecido pela história de cada região. Desse modo a preocupação central dos IHGs em divulgar e preservar fatos e personagens da história nacional alia-se cada vez mais aos esforços de se fazer conhecer também a história da sua cidade, do seu estado, da sua região. (FREITAS. 2007, p24)

A criação do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Pará, como foi inicialmente chamado o IHGP, em 03 de maio de 1900, estava no rol das comemorações festivas do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil incluído pelo governo estadual de Paes de Carvalho. A preparação dos festejos e para efetiva fundação do IHGP foram feitas em sessões realizadas em 29 de março e 27 de abril de 1900, nesta última presidida por Arthur Vianna¹, foi deliberado, entre outras coisas, sobre a solenidade de instalação do IHGP, a programação do evento e o nome do

¹ **Arthur Octávio Nobre Vianna** (1873-1911), sócio fundador do IHGP, nasceu em Belém, estudou no Lyceu Paraense, diplomou-se em Farmácia pela antiga Escola de Farmácia do Pará, de 1899 a 1906 foi diretor do Arquivo Público do Pará, grande pesquisador, soube como se valer dos documentos presentes na instituição para seus estudos. Tinha fortes ligações políticas na gestão de Antonio Lemos, de quem era amigo pessoal. (SARGES, 2002).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

representante do Instituto a nível nacional e perante a comissão central do centenário brasileiro, o nome seria do paraense José Veríssimo².

As vinte horas do dia 03 de maio, no Teatro da Paz é dado início os trabalhos da tão esperada sessão comemorativa presidida por Henrique Santa Rosa³, que instalou associações paraenses importantes como a Liga Humanitária, a Academia Paraense de Letras e o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará. As duas últimas associações tinham muitas similaridades pois vários intelectuais paraenses em busca de espaço e reconhecimento pertenciam as duas associações, como Ignácio Moura⁴ e o próprio Henrique Santa Rosa membro da Academia Paraense de Letras⁵ e vice-presidente do Instituto. (RIHGP.1900).

Neste primeiro momento não houve uma atuação efetiva do IHGP e seus intelectuais, preocupados e envolvidos sempre em diversas atividades ou vinculados mais ativamente na Academia Paraense de Letras (APL), o que levou o seu desaparecimento nos anos subsequentes.

Com a Academia Paraense de Letras, também surgiu o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará, instalado na mesma sessão do dia 3 de maio de 1900. A estrutura era diferente, os sócios admitidos mediante proposta. O número de fundadores elevava-se a 56, muitos fazendo parte dos quadros da Academia Paraense de Letras. No ano de 1917, em março foi o instituto reinstalado, os estatutos reformados, novos sócios admitidos na qualidade de fundadores, elevando o número para 74. Foram criadas as Cadeiras e seus Patronos, em número de 40, a substituição feita em caso de vacância, geralmente por morte do titular. (MEIRA; ILDONE; CASTRO.1990, p.113)

² **José Veríssimo Dias de Matos**, jornalista, professor, educador, crítico, historiador, literato, nasceu em Óbidos, PA, em 8 de abril de 1857, e faleceu no Rio de Janeiro em 2 de fevereiro de 1916. Iniciou suas publicações em jornais paraenses como *O Liberal do Pará*, *Província do Pará*, *Comércio do Pará* e *A República*, funda em 1879 *A Gazeta do Norte* e em 1883 a *Revista Amazônica*, ambas de vida efêmera. Entre suas obras podemos citar *Carlos Gomes* (1882), *Primeiras Páginas* (1878), *Cenas da Vida Amazônica* (1886) e *A educação Brasileira* (1890). (BEZERRA NETO, 2002; VERÍSSIMO, 2011)

³ **Henrique Américo Santa Rosa** (1860-1933), nascido na Capital paraense, Geógrafo e Historiador, Engenheiro e Professor, ocupou a cadeira de Gramática Filosofia da Língua Nacional do Liceu Paraense, onde foi por duas vezes diretor, logo após foi nomeado a cadeira de Língua Nacional da Escola Normal. (FREITAS, 2007; MORAES, 2009).

⁴ **Ignácio Baptista de Moura** (1857-1929), Cametaense, militante da causa Republicana e Abolicionista, foi um dos primeiros paraenses a produzir cartilhas escolares, em 1911 torna-se professor catedrático de aritmética e álgebra do Gynásio Paes de Carvalho. Organizador das festas em comemoração ao Tricentenário de Belém e diversas mostras, exposições de arte, literatura e história, à frente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (FREITAS, 2007; MORAES, 2009).

⁵ A nível nacional havia uma disputa velada entre os homens de ciência e os homens de Letras, como a que ocorreu entre Silvio Romero e Machado de Assis. (SCHWARCZ, 1993).





O primeiro presidente do Instituto foi Domingos Antonio Raiol, o Barão de Guajará⁶. (1830-1912) importante historiador da Amazônia no XIX. Era em sua residência, um sobrado colonial que faz parte do centro histórico de Belém, que aconteciam as reuniões do Instituto e de outras associações congêneres. Somente em 1942 a residência do Barão de Guajará foi doada pela prefeitura de Belém, para servir de sede social do IHGP, na gestão do professor Abelardo Condurú.

O IHGP logo nos primeiros anos de sua fundação se desestrutura, e vai ser reinstalado somente em 1917, como parte integrante das ações em que a intelectualidade local estava envolvida em comemoração ao Tricentenário de Belém, período em que foram realizados desfiles públicos, publicação de documentos, festivais, exposições e construção de monumentos e congressos.

A reinstalação ou refundação do Instituto torna-se uma necessidade da intelectualidade local, motivada pelo clima instaurado quando da organização da programação cívica do tricentenário, marcada para dezembro de 1915 e janeiro de 1916. Dentre as personalidades que compunham comitê patriótico para a organização dos festejos estavam Palma Muniz⁷, Theodoro Braga, Henrique Santa Rosa e Ignácio Moura, e outros.

Com intuito de estudar, rememorar e reconstituir o passado, atentando-se para as especificidades da história local, a reinstalação do IHGP desejosa pela intelectualidade paraense, é feita em solenidade presidida pelo governador do estado Lauro Nina Sodré e tendo Ignácio Moura como presidente do Instituto.

Começamos por um punhado de espíritos intrépidos reunidos no salão do Grêmio Literário Português, na noite de 26 de fevereiro do ano passado e, após duas sessões preparatórias resolvemos fundar o Instituto histórico e Geográfico do

⁶ **Domingos Antônio Raiol**, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocupou cargos políticos importantes no Império, foi correspondente de instituições científicas no Brasil e no exterior. O Barão do Guajará e dono de uma vasta produção historiográfica, mais entre as mais notórias estão os seus *Motins Políticos*, obra de cinco tomos publicada entre 1860 e 1890, referência no estudo do movimento Cabano no Pará e a outra é *História Colonial do Pará*, que escreveu um pouco antes de sua morte em 1912, ficando inacabada. (RICCI, 2002)

⁷ **João Palma Muiniz (1873-1927)**, sócio-fundador do IHGP, esse paraense de Vigia ganha grande destaque nas letras paraenses como Engenheiro Civil, geógrafo e historiador. Estudou humanidades e matérias técnicas na escola Politécnica do Rio. Dono de uma produção intelectual intensa e intimamente ligada a sua atuação na esfera pública, em instituições, na contribuição de eventos e debates públicos. (FREITAS, 2007; MORAES, 2009)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Pará, na noite 6 de março, solenizando por essa forma o primeiro centenário da Revolução Pernambucana de 1817 (RIHGP, 1918, p231)

A escolha de 1917 como data “fundadora” foi importante para a afirmação do IHGP como uma instituição republicana e cívica, evidenciando os sacrifícios e a incessante luta dos heróis e mártires da Revolução Pernambucana e sua importância para o fim do império e o advento da república. Assim, a escolha dessa efeméride, aceita quase que de forma unânime por seus intelectuais, demonstra a necessidade de se criar um mito de origem para o Instituto, tornando a sessão um ato patriótico e político. Como nos mostra o trecho do pronunciamento de Ignácio de Moura em 1917, na solenidade de fundação do Instituto no Teatro da Paz

A intelectualidade amazônica age, neste momento, sob o impulso do patriotismo para comemorar a data centenária da Revolução Pernambucana que nos trouxe a alvorada da Independência e da República, fundando nesta capital o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (...) o brado dos patriotas pernambucanos a 6 de março de 1817, no campo do Erário, constituiu a verdadeira interpretação do thema democrático: emancipação com a República. (...) Felicitamos aqueles povos heróicos, nas suas campinas extensas, nas suas grotas profundas e nos seus brejos fertilizadores, nos seus heroes e nos seus martyres, percussores da idéia republicana que formam hoje o nosso culto. (RIHGP, 1917, p 3 e 5)

O Instituto tinha em seu quadro diretor além do presidente e vice, primeiro e segundo secretário, orador e tesoureiro. Organizava-se em comissões como de pesquisa de documentos, comissões de Geografia e Etnografia, de história e arqueologia, de admissão de sócios, de redação e de finanças. As reuniões, quando de sua refundação em 17, aconteciam inicialmente no salão de honra da associação da Imprensa, localizada na praça da República nº 34.

QUADRO DIRETOR DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO	
<p>DIRETORIA 1900⁸ Presidente: Barão do Guajará Vice presidente: Dr. Henrique Santa Rosa 1º secretário: Arthur Vianna 2º secretário: Francisco Ferreira de Vilhena Alves Orador: Dr. José Olyntho Barroso Rabello Tesoureiro: Dr. Bento Miranda</p>	<p>DIRETORIA 1917⁹ Presidente: Engenheiro Ignácio Baptista de Moura Vice presidente: Dr. Henrique Américo Santa Rosa 1º secretário: Engenheiro João de Palma Muniz 2º secretário: Dr. Joaquim de Arruda Falcão Orador: Dr. Luiz Estevão de oliveira Tesoureiro: José Joaquim Pinto de Araujo</p>

⁸ RIHGP, 1900.

⁹ RIHGP, 1917.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A revista do IHGP, *lócus* de profusão das idéias da intelectualidade local, que já havia veiculado seus primeiros números em 1900, voltou a circular em 1917 de forma irregular, graças aos poucos recursos materiais que o Instituto dispunha para publicação. O número de 17 é considerado o ano um de publicação da revista, graças ao predomínio dos discursos de fundação do Instituto nesta data, desconsiderando qualquer memória ou documento que remetesse a anos anteriores.

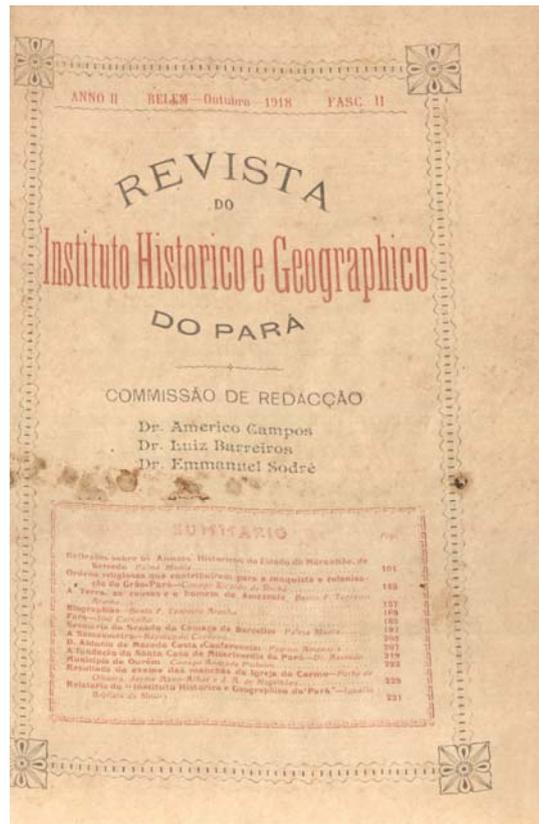
Entre as várias temáticas de História e Geografia local destaca-se *As teses sobre a Adesão do Pará a Independência* com mais de 600 páginas sobre a história do Pará, organizado por Palma Muniz, no volume VI da revista. Em síntese, para que fosse construída a identidade do homem e da cultura Paraense era necessário, acima de tudo, resgatar os seus heróis, as datas e fatos que marcaram a sua história, além das especificidades culturais, os grandes educadores e os feitos do povo paraense.

A revista que tinha por finalidade dar um estatuto de cientificidade ao IHGP, proporcionando o reconhecimento de suas produções a nível nacional e internacional e facilitando o intercâmbio com instituições similares, tinha uma comissão de redação a quem cabia revisar e selecionar as temáticas e trabalhos a serem publicados. Na revista podemos encontrar resenhas, biografias, relatórios de atividades do Instituto, relatório de governo, atas, conferências proferidas por seus membros, transcrições de documentos históricos, homenagens aos grandes vultos da História nacional e regional, além de vários trabalhos em várias áreas de interesse.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5



Fonte: RIHGP, 1918.

As temáticas abordadas predominantes nas revistas, eram de caráter político, como a Cabanagem, a Colonização do Grão-Pará ou a adesão dos municípios paraenses a independência, e os problemas da nação, do Pará e suas gentes.

Na Primeira República, a imprensa periódica torna-se um grande veículo de atuação política. No Pará os jornais e revistas representam um *lócus* privilegiado da discussão política, das polêmicas entre grupos, onde a intelectualidade local assumia lugares estratégicos nas redações desses periódicos, apresentando assim suas formulações políticas, culturais, e ideológicas, mostrando sua percepção de si e da própria sociedade.

Em seu estatuto de 1917 o IHGP deixa claro seus principais objetivos. A instituição tinha pretensões de construir uma história local e nacional, recriar um passado, organizar fatos e eventos dotando-lhes de um caráter científico.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

1º promover o estudo, animar o desenvolvimento e fazer a difusão do conhecimento da Geografia e da História em todos os seus ramos, e em suas aplicações a vida social, política e econômica especializando trabalhos no que se refere ao Estado do Pará. 2º Reunir, concatenar, publicar ou archivar documentos e trabalhos da geographia, historia, Ethnographia e Archeologia do Brasil e especialmente do Pará. (RHIGP, 1917, 1918)

Os intelectuais do IHGP debruçavam-se em documentos e monumentos, na busca de uma pretensa verdade histórica. Escrever história, neste sentido, constituía um ato de garimpar documentos, preciosidades e selecionar fatos, que acreditava-se, com isenção próprias dos especialistas e revestida de cientificidade.

As temáticas abordadas predominantes nas revistas, eram de caráter político, como a Cabanagem, a Colonização do Grão-Pará ou a adesão dos municípios paraenses a independência, e os problemas da nação, do Pará e suas gentes. O Pará tomava parte dos debates sobre os problemas do momento e as incertezas do futuro e lançava-se sobre sua própria história. Palma Muniz, em reunião do instituto resalta essa necessidade constante.

Faz sentir a necessidade urgente de estudar profundamente a História do Pará, ainda por se fazer, embora os doutos trabalhos de Barredo, Barata e Raiol e outros já muitos subsídios tenham trazidos para esse fim, nenhum núcleo melhor que o nosso Instituto precisa ser solidamente construído, edifício que honra nossos antepassados e ensinamento aos vindouros (RHIGP, 1920, p. 376)

Em 1918, em comemoração ao seu primeiro aniversário, o Instituto inaugura uma Galeria Histórica, composta por vários retratos de homens notáveis na historia política do Pará, para esse fim foi conseguido setenta telas dos mais diversos artistas, o catálogo da exposição foi impressa juntamente com traços biográficos desses homens ilustres, como nos revela o relatório do Instituto Histórico e Geográfico, proferido por Ignácio de Moura aos seus consórcios neste mesmo ano.

Essa galeria não é só formada de filhos de nossa terra, mais de vários nacionais ou estrangeiros, que com sua energia, seu patriotismo e talento, trabalharam algures para o desenvolvimento do Estado, que agora lhes prestam, pelo nosso intermédio, merecida homenagem as suas virtudes (...) recomendamos a todos os nossos concidadãos que não deixem de visitar demoradamente essa galeria de homens notáveis, procurando estudar-lhes os caracteres e imitar-lhes os exemplos” (RHIGP, 1918, p 235)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Em um contexto de afirmação do regime republicano, e diante da necessidade de se criar uma identidade regional e nacional, o IHGP, suas ações e idéias circundantes, ligadas geralmente a oficialidade local, vão dar legitimidade ao regime. Essa busca é tarefa necessária da intelectualidade republicana ante os desencantos com o novo regime e a necessidade de fazê-lo cair no gosto da população (COELHO, 2002).

Neste sentido, heróis¹⁰ são criados e outros desconstruídos, ao sabor dos novos interesses políticos em jogo, como nos mostra as argumentações de Raymundo José Martins Bessa nas páginas da revista do Instituto, sobre a legitimidade de José Bonifácio ser chamado de patrono da independência, questionando quais ações teve na *formação do espírito nacional*, e na busca pela emancipação política e advoga pela correção desse erro histórico, erro esse afirma, que se aprende nos compêndios didáticos desde criança, depois será repetido por toda a vida, não só por mestres mais por toda a nação.

Se realmente Jose Bonifácio era tão liberal, pra ficar como o grande patrocinador das ideais libertárias no Brasil, como admitir que esse homem se achava: o orador do tão falado panegyrico a D.Maria I, cujo nome ficou tinto e manchado do sangue do martyr da liberdade, o patricio que fica impassível e indiferente a sorte dos pernambucanos, seus irmãos de 1917, batalhadores daquelle santo ideal, o partidário da aliança do Brasil a Portugal a só reino unido, o adversário da reunião da Assembléia Nacional Brasileira, que era a expressão mais bela e evidente da nossa emancipação política.(RHIGB,p,90)

O Instituto que agregou diversos intelectuais, políticos, médicos, engenheiros, professores, geógrafos e historiadores, entre eles Barão do Guajará, primeiro presidente do instituto, Arthur Vianna, anteriormente citado, Theodoro Braga, Henrique Américo Santa Rosa, Ignácio Moura, Palma Muniz antenados e muitos participantes dos debates republicanos sobre as questões nacionais, os males da nação, onde as mudanças viriam através da educação, debates caros a homens da geração de 1870 como José Veríssimo.

¹⁰ Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações , pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço a da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto a seus heróis e não possua seu panteão cívico. (CARVALHO, 1990. P. 55)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Sintonizados com o processo civilizador, esses homens viam a educação como elemento fundamental para colocar o país rumo a modernidade, ela daria as massas populares a regeneração necessária e a preparação para o mercado de trabalho no quadro que se apresentava de formação do mundo urbano e industrial da virada do XIX para o XX . A escola ia incutir valores de disciplina e controle ao cidadão, de ordem como essencial ao progresso da nação (NASCIMENTO, 1997).

Essas idéias circundantes entre esses intelectuais permeavam as revistas pedagógicas de Belém do início do século, onde muitos intelectuais do IHGP transitavam, com defesas calorosas a favor da instrução pública e contra o analfabetismo e o obscurantismo, como nos mostra este trecho no ano inaugural da revista *O Ensino*¹¹.

A revista aparece no momento preciso para combater o analfabetismo e divulgar os meios de defesa da saúde, estabelecendo as grande leis da hy giene do corpo e da alma- *mens sana in corpore sano*. Os dias que vivemos são de duvidas e de marguras (...). A crise é tremenda. (...) A Sciencia a soldo da Barbaria é a fallencia do direito. (...) O ENSINO reenceta a campanha do bem: as batalhas que tem de pelejar são de extermínio do obscurantismo e de destruição do mal de qualquer maneira que se manifeste, procurando deixar reflectir no espelho da nossa consciencia a imagem sagrada da pátria integra e forte.(O ENSINO 1918,p 1 e 2)

Outra revista pedagógica de Belém do inicio do século apresentava-se sempre com uma epigrafe reveladora de Almeida Oliviera “*Se sois verdadeiro Republicano, cuidae e cuidae sempre da educação do povo: Ignorância e República são idéias que se repellem*”¹². A epigrafe citada revela claramente a grande preocupação da oficialidade local em afirmar o republicanismo paraense e a educação tinha um papel fundamental neste sentido.

¹¹ *O Ensino*, caracterizada como revista de pedagogia, literatura, artes e officios, foi lançada em 30 de junho de 1918, com publicação mensal era organizada e editada pelo Instituto Lauro Sodré, e tinha como redator chefe o diretor do próprio instituto o Dr. Antonio Maçal, clinico e mestre no magistério secundário. A revista continha discursos e pronunciamentos oficiais, programas escolares, discussões sobre instrução pública, a escola, o ensino profissional, higiene escolar, transcrições de discursos e conferências pedagógicas, como a transcrição do primeiro discurso proferido por Ruy Barbosa em banquete oferecido a Jose Bonifácio, em São Paulo em 13 de agosto de 1868. O ENSINO: revista mensal de pedagogia, literatura, artes e officios. Nº 3, de 31 de Agosto de 1918.

¹² A Revista *Escola: Revista oficial de ensino* (1900-1905, fundada pelo diretor geral de instrução pública Dr. Virgílio Cardoso de Oliveira tinha publicação mensal, continha em suas sessões além de discussões sobre a instrução pública, biografias, exercícios escolares, programas de ensino, continha discursos decretos e normativas oficiais e uma sessão especialmente intitulada de Pontos da História do Pará. ESCOLA: Revista oficial de ensino.nº1. Maio de 1900,p 1.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

As primeiras décadas do século XX em meio a efervescência intelectual houve um grande movimento de reafirmação dos sentimentos cívicos e um interesse crescente pelas questões nacionais. O 15 de novembro e o triunfar da república no Brasil e no Pará, trouxe a necessidade de repensar a história e o nosso passado na tentativa de responder aos problemas nacionais e os desafios de futuro que se impunham com a instabilidade do novo regime e com profundas transformações na sociedade brasileira. No Pará, vários intelectuais se empenharam nessa tarefa na virada do XIX e início do século XX, entre eles José Veríssimo como veremos a baixo.

A História Pátria Sob olhar de Verissimo

Representante do IHGP a nível nacional, José Veríssimo Dias de Mattos é dono de uma ampla produção intelectual que remetem especialmente a suas preocupações com a realidade amazônica, a literatura brasileira e a educação. No conjunto de suas produções diretamente ligadas a questões educacionais publicadas no Pará, podemos citar *Notícia Geral Sobre o Colégio Americano* (1888), *A Instrução Pública no Estado do Pará* (1891) e *a Educação Nacional* (1890).

Como educador no Pará, desenvolveu atividades no magistério no ensino público e particular. Em 1883, funda a *Sociedade Promotora da Instrução* e em seguida funda também o colégio Americano, do qual foi diretor e professor de 1884 a 1890, ano em que foi nomeado diretor de Instrução Pública do Estado do Pará, cargo que ocupou até 1891. No Rio de Janeiro, onde passou a residir de 1891 até sua morte, continuou a legislar a favor das causas educacionais, ocupando cargos administrativos importantes como Diretor do Externato do Ginásio Nacional (1892-1898) e da Antiga Escola Normal do Rio de Janeiro (1910-1913), além de desempenhar atividades de docência nas disciplinas História Geral e da América, História da Instrução Pública no Brasil, Português e Pedagogia.

Em seu *Educação Nacional*, publicado pela primeira vez no Pará em 1890, um ano após a proclamação de República, e logo após em 1906 no Rio de Janeiro, faz uma defesa da Educação Nacional como condição primordial ao progresso e a grandeza do país. e ressalta por diversas vezes o descontentamento com o sistema geral de instrução pública e as reformas introduzidas no primeiro governo Republicano por Benjamin Constant, explicitadas na introdução de 1906.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Para esse intelectual, a educação seria a via de regeneração do povo brasileiro, corrigindo vícios e defeitos. Ela como meio eficaz para o progresso e civilização, prepararia o homem para a vida completa e plena. Neste sentido, o autor enfatiza a diferença entre instrução e educação, a primeira estando a serviço da segunda na formação deste novo homem, garantidora de uma formação moral, cívica e nacional.

Os vícios e defeitos do povo brasileiro estão indubitavelmente ligados ao nosso passado histórico, diz o autor, a formação do povo brasileiro por três raças distintas e nossa origem colonial.

Mole pelo clima, mole pela raça, mole por esta precocidade das funções genésicas, mole pela falta de todo o trabalho, de qualquer atividade, o sangue pobre, o caráter nulo ou irritadiço e, por isso mesmo inconseqüente, os sentimentos deflorados e pervertidos, animado, indisciplinado, mal criado em todo o rigor da palavra - eis como de regra começa o jovem brasileiro a vida (VERÍSSIMO,1985, p.69).

Portanto, a perversão de caráter do povo brasileiro é graças a nossa origem mestiça e escrava, e essa índole herdada de nossos antepassados só é possível ser modificada pela educação, a educação do caráter, que pode ser feita por outros meios além do meio escolar, como a família, tendo a mulher um papel importante nesse processo.

Nosso paraense de Óbidos aponta então dois aspectos importantes da reformulação da educação: diz respeito ao ensino da Geografia e da História como disciplinas fundamentais para a educação nacional, o ensino pátrio e o nacionalismo.

Traça então, severas críticas a forma que essas disciplinas são ministradas nas escolas brasileiras. Sem privilegiar os conteúdos pátrios, o ensino de História pátria limitava-se a memorização enfadonha de compêndios, sem grandes *merecimentos didáticos*, que eram totalmente alheios a realidade brasileira, o que provocou segundo Veríssimo, profunda indiferença e desprezo pelo nosso passado. Sobre os compêndios insiste ainda:

Para o ensino primário, os poucos que há, são inspirados na velha pedagogia jesuíta das perguntas e respostas, e limitam-se a uma enfadonha e estúpida nomenclatura de governadores, de reis e capitães-mor ou de fatos áridos de nenhum modo úteis ao ensino primário. Na escola primária, afora a decoração e bruta repetição desses péssimos compêndios, nada mais auxilia e completa o estudo da história nacional. O mestre, que a mis das vezes a ignora, e que, em geral, é poço zeloso, limita-se a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

tomar a lição oral, um trabalho de composição sobre a história pátria. Tomada a lição, está satisfeita a obrigação oficial, quando a não a descaram de todo, o que é o que mais vezes acontece. (VERÍSSIMO,1985, p.112).

A história nacional, de forma lamentável, aponta, é escrita por estrangeiros, e seus parcos estudos não atingem o grande público. Instituições criadas para estudar a história pátria afirma, e suas preciosas produções, referindo-se especificamente ao IHGB, são pouco conhecidas no Brasil.

Assim, Veríssimo é um árduo defensor que a educação nacional não se pode fazer senão pelo estudo da pátria, fazendo-se necessário uma reforma urgente neste ponto de nossa instrução pública.

O ensino adequado dessas matérias, especialmente da Geografia pátria e História pátria, com compêndios, museus, monumentos, mapas, globos adequados a nossa realidade histórico e geográfica, que ressaltem o estudo de nossos rios, acidentes geográficos, cidades, o culto aos heróis e seus feitos, os cantos patrióticos e a comemoração das grandes datas nacionais nas escolas são de fundamental importância para criação da idéia de pertencimento a uma nação, para criação do sentimento de unidade nacional em detrimento dos interesses individuais.

Não é somente nas escolas ou pelo estudo dos autores e documentos que se pode estudar a história pátria. O mínimo ao menos do conhecimento do passado nacional indispensável ao cidadão de um país livre e civilizado, e, por acaso, o que mais importa saber para despertar neles os mais fecundos estímulos do sentimento pátrio, há outros meios que os ensinam. Os monumentos, os museus, as coleções arqueológicas e históricas, essas construções que os nossos antepassados com tanta propriedade chamaram memórias, são outras tantas maneiras de recordação do passado, de ensino histórico, portanto, e, em última análise, nacional (VERÍSSIMO,1985, p.1001)..

O Ensino e a escola brasileira, padecem, afirma, destituída de sua verdadeira missão, promover a formação de caráter e desenvolver o sentimento de pertencimento a nação. Nesta perspectiva, a educação nacional é uma proposta de formação moral e cívica do homem brasileiro através da mão condutora e normatizadora do estado, necessária a formação do cidadão que conduziria o Brasil rumo à civilização e ao progresso. (FRANÇA, 2004).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Conclusão

No contexto de criação de uma identidade regional, amazônica, a história seria um importante veículo dessa construção e caberia ao IHGP a tarefa de conceber a história. Os Institutos como *lugar de memória* e a história como *mestra da vida*.

Guardião da história do Pará e do Brasil, e de um certo tipo de memória e de história, o IHGP e seu olhar sobre o passado tornaram-se hegemônico nos livros didáticos oficiais, fazendo uma história de vultos e eventos repetidamente retomados, de disseminação de estereótipos sobre nossos usos e gentes, que permaneceu enraizada durante muito tempo em nossa forma de aprender e ensinar história, entender e ensinar nossa própria formação histórica, concernentes com o projeto patriótico dos Institutos de maneira geral.

Referências

BEZERRA NETO, José Maia. Os Males de nossa origem: O passado colonial através de José Veríssimo. In: Terra Matura: **Historiografia e História social na Amazônia**. Org. José Maia Neto, Décio Guzmán-Belém: Paka-Tatu, 2002.

BRANCO,G; MALACARNE, V. **A questão da identidade nacional brasileira na obra história geral do brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen**: cultura e educação. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.32, p.95-112, dez.2008 - ISSN: 1676-2584.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. **A Formação das Almas**. O Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

COELHO, Geraldo Mártires. **História e Ideologia: O IHGB e a República (1889-1891)**. Belém, Serviço de Imprensa Universitária, 1981.

_____. **No Coração do Povo: O monumento da República em Belém**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

COSTA. Eliezer Raimundo de Souza. **Saber Acadêmico e saber escolar: História do Brasil, da historiografia à sala de aula na primeira metade do século XX**. UFMG/ Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, 2008.

FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino. **José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora** / Maria do Perpétuo Socorro Gomes Souza Avelino França. – Universidade Estadual de Campinas, SP: 2004.

FREITAS, Iza Vanesa Pedrosa de. **O Patrono das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)**. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

FURET, François. O nascimento da História. In: **A Oficina da História**. Lisboa: Gradiva s/d.

GADAMER, H. G. **O problema da consciência histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. **A presença do instituto histórico e geográfico brasileiro no campo da educação superior: o projeto da academia de altos estudos - faculdade de filosofia e letras: (1916-1921).** Revista de História 141-FFLCH-USP, 1999, 91-100.

_____. **Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX.** Tempo, Rio de Janeiro, nº 18, pp. 147-170.

MEIRA, Clóvis, Ildone, José, Castro, Arcyr. **"Introdução a Literatura no Pará.** Academia Paraense de Letras. Ed. CEJUP, 1990.

MORAES, Felipe Tavares de. **A educação no Primeiro Governo de Lauro Sodré (1886-1897): os sentidos de uma concepção político-educacional republicana/Felipe Tavares de Moraes.**UFPA/PPGED.2011.

NAGLE, Jorge. A educação na primeira república. In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira.** Rio de Janeiro / São Paulo: Difel, 1977, p. 261 – 291.

NASCIMENTO, Terezinha A. Quaiotti Ribeiro do. **Pedagogia Liberal Modernizadora: Rui Barbosa e os fundamentos da educação brasileira republicana.** Campinas SP, UNICAMP, 1997.

RICCI, Magda. O Império Lê a Colônia: Um Barão a História da Civilização na Amazônia. In: **Terra Matura: Historiografia e História social na Amazônia.** Org. José Mia Neto, Décio Guzmán - Belém: Paka-Tatu, 2002.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912).** 2ª Edição .Belém: Paka-Tatu, 2002

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Os guardiões de nossa história oficial.** São Paulo: IDESP , 1989.

_____. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VERÍSSIMO, José. A educação nacional. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. **1857-1916. Cenas da Vida Amazônica.** Editora WMF Martins Fontes, 2011.

